

nós.



NUM. 9

31 Janeiro do 1922

NÓS

BOLETÍN MENSUAL DA CULTURA GALEGA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE "NÓS."

DIREITOR: Vicente Risco

SECRETARIO DA REDAUCIÓN: Xulio Gallego

REDAUTOR-CHefe: Xavier Prado (Lameiro)

SUB-SECRETARIO: Alfonso V. Monxardín

REDAUTORES: Ramón Cabanillas, Alfonso R. Castelao, Antón Losada Diéguez, Ramón Otero Pedrayo, Florentino L. Cuevillas, Leuter González Salgado

COLABORADORES:

Teixeira de Pascoaes, Johan Viqueira, Philéas Lebesgue, Leonardo Rodríguez, Antón Villar Ponte, Wenceslao Fernández Flórez, Xaime Quintanilla, Antón Noriega Varela, Gonzalo Abente, Manoel Banet Fontela, Lois Peña Novo, Eladio Rodríguez González, Ernesto Rivera, Marqués de Figueroa, Antón Palacios, Leonardo Coimbra, Amador Villar, Alvaro Cebreiro, Alexandre de Córdova, J. Cervaens Rodrigues, Xulio A. Cuevillas, Victoriano Taibo, Xulio Prieto, Xosé Fernández Martínez, Farruco Lamas, etc., etc.

REDAUCIÓN Y-ADMINISTRACIÓN

Padre Feixóo, 12

ABONAMENTO

Doce números, na Península. 6 ptas.

" " Fora. 15 "

Número solto, 60 cts. na Península, 1'50 ptas. fora

Iste boletín non publica mais orixinais que os que foran directamente solicitados pol-a Dirección. -- Tampouco se fai solidario das ideas n-elas emitidas, non sendo dos que por non iren firmados, enténdense que son da Redacción.

SUMARIO

O aspecto actual da Literatura portuguesa, HERNANI CIDADE.

O monopolio do comercio do diñeiro, JULIO A. CUEVILLAS.

Novela, CASTELÃO.

Berros do alén, RAMÓN VILAR PONTE.

A mansión Aquís Querquernis, F. L. CUEVILLAS.

Os homes, os feitos, as verbas, pol-a REDAUCIÓN.



BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA, ÓRGÃO
DA SOCIEDADE "NÓS,"

Ano III

Ourense 31 de Xaneiro 1922

Núm. 9

MEDO

*Pol-as naves románicas da igrexa
corre o brando rumor das oracións
formadas nos sinxelos corazóns
en onde o fogo do fervor latexa.*

*Unha vagua de lume palpebrexa
na lámpara prendida antre grillóns;
pasan voando místicas visións
i-os seus fulgores Deus no altar refrexa.*

*Axionllado, baixo o peso forte
do remorso cruel dos meus pecados,
ollo a mouroa fondura dos pasados
cativos tempos de ruína e morte,
e sentindo os meus ollos abrasados,
tremo de medo pol-a miña sorte.*

GONZALO LÓPEZ ABENTE



O ASPECTO ACTUAL DA LITERATURA PORTUGUESA

RAPIDAS IMPRESSÕES SOBRE:

Os mortos que mandam.—EÇA E RAMALHO, ANTONIO NOBRE e FIALHO DE ALMEIDA e outros.

Os vivos que emudeceram.—GUERRA JUNQUEIRO e TEIXEIRA GOMES.

Os poetas da raça e da tradição.—TEIXEIRA PASCOAS, CORREIA DE OLIVEIRA, etc.

Os poetas subjectivistas.—AMÉRICO DURÃO, VIRGINIA VITORINO, AUGUSTO GIL, etc.

Os poetas da arte pela arte.—EUGENIO DE CASTRO.

Prosadores.—A vida trágica de RAUL BRANDÃO; O Irismo filosófico de LEONARDO COIMBRA, e a Sensualidade pagã de AQUILINO RIBEIRO.

A evocação histórica de ANTERO DE FIGUEIREDO e LOPES DE MENDONÇA.

O Apostolado radical de MANUEL RIBEIRO e de JAIME COSTESAD.

O teatro.

Bem que seja sobre o aspecto actual da literatura portuguesa que eu tenha o gratíssimo e honroso desser de falar, não posso entanto deixar de aqui evocar todo um *claustró-pleno* de mortos queridos. Fechou-lhes a Morte os lábios, mas repercute sempre vivo na nossa memória o eco de seu verbo revelador. O espirito de algum deles bem parece que perpassa, vago e adormecido embora, pelas almas dos devotos, débilmente lhes encaminhando sobre o papel a mão sonâmbula...

Nestes últimos anos, quantos se foram para a Grande Sombra! Antonio Feijó, cheio de graça e fulgor parnasianos; Gomes Lial, lira cujas cordas foram raios de luar e látigos de cólera. E Ramalho e Fialho e Trindade Coelho... Evoquemo-los a todos com piedade de berdeiros agridecidos.

Ramalho e Eça foram entre os da última geração, os mais poderosos educadores da nossa inteligência. Ramalho, temperamento equilibrado e forte; Eça, espirito subtil e elegante, ambos de observação segura e justa, de palavra

ecoante e impressiva ambos, puseram em contacto com a Europa mental a alma lusitana, sequestrada na estreiteza de *chauvinismos* estúpidos e de preconceitos desusados. Com Fialho continua-se esta obra de esclarecimento da consciência de nós próprios, de conhecimento das nossas coisas. Ensinou-nos a olhar de frente os deuses olímpicos, na irreverente devassa a todos os meandros da vida nacional, a curiosa-mente mirar, para o gostoso embalo na emoção ou para o acre satanismo do riso destrutivo quanto exprimisse ou compromettesse a Beleza múltipla. Simplesmente, as lições do crítico de arte e principalmente as do crítico de costumes políticos, bem que quasi sempre tocadas da chama do génio, eram frequentemente tumultuadas dos seus histerismos dolorosos (em Fialho até a gargalhada é quasi angustiante, soando a coisas que se rasgam ou se estilhaçam); e da sua obra vem-nos um pouco este ácido corrosivo que de quasi todas as páginas de crítica moderna—de livro ou imprensa—se transfere para os indivíduos e para a colectividade...

Mas Fialho é complexo e, depois de o recordar ao lado de Ramalho e Eça como mestre da crítica e informador da atitude da minha geração em face dos homens e da sua obra, eu tenho que falar dele ao aludir ao Trindade Coelho, como intérprete da paisagem portuguesa, e da vida simples que ela enquadra nas aldeias. Ambos comovidamente a amam e cantam. Fialho, então, nascido na gravidade, por vezes trágica, da terra alentejana, que no verão se pinta vastissimamente a dois tons—o amarelo das restolhadas e o negrusco dos azinhais—que diferente não é nas pinceladas de delírio e fogo das suas scenografias de visionário ou telas *d'après nature*, dêsse gracioso e risonho Trindade Coelho, aqui do Norte, em cujas páginas a terra portuguesa é sempre duma graça virgiliana de cromo! E os campônios trágicos de Fialho, goyescos tipos ensombrados pelas maldições da vida, como distam dos risonhos campônios de Coelho, deles fraterno e bondoso cantor, quasi todos com o ar lavado e fresco de figuras de opereta.

E esta tendência, num e noutro sensível, de irradiar da própria personalidade, para o trecho da vida ou pedaço da natureza que os cercava, a sombra ou a claridade interior, levamos a recordar o extranho temperamento de Antonio Nobre, mais subjectivo que nenhum.

É ele quem ainda hoje partoreia as almas tristes, dos doentes de beleza, dos nostálgicos do infinito, dos que sentem o fastio de viver. E esses já de nós! se por toda a parte são numerosos, constituem legião entre nós, que somos duma raça exilada, por mil infortúnios, da alta Glória, para que épica abrisse caminho...

Dos escritores mortos, os mais lidos são certamente Antonio Nobre e Fialho. Ambos são grandes e sempre novos. Mas Fialho exerce, no ponto de vista da forma, sugestões como ninguém. Ele é o grande mago, realizador dos milagres verbais. Ninguém como ele tão bem orquestrou os recursos musicais da língua e melhor descobriu as suas ocultas riquezas expressivas. Com palavras esculpiu, cantou, pintou. Elas lhe deram a suavidade epitalâmica do sonho lírico, as cóleras jeovaicas e destruidoras da sátira, as gargalhadas diabólicas de *gavroche*. Os seus livros são um museu de todas as artes, para todos os gostos, que nunca houve, senão Camilo, seu grande mestre, ninguém tão profundo e maleável, rico de todos os recursos da arte, para exprimir todas as formas do ser.

Mas deixemos os mortos. Quisemos surpreen-

der influências. Ai ficam reveladas, mais reveladas que precisamente *determinadas*, visto para mais não dar a estreiteza do artigo.

E começando a falar-vos dos escritores actuais, cito em primeiro lugar dois belos nomes de sobreviventes da geração passada, Teixeira Gomes e Guerra Junqueiro. Ambos emudeceram. O primeiro relegou a sua pena elegante para a prosa dos papéis de Chancelaria; e, no que parece, para sempre as letras patrias, nesse temperamento caldeado ao sol do Algarve, servido de sentidos educados na infinita policromia meridiana, mas actuado por uma educação clássica em serenidade de visão, equilíbrio de forma e até vernaculismo de linguagem, perderam uma interessante figura de Petronio, voluptuoso realizador duma prosa clara de sol vivo, bem que sem virtudes sugestivas de instação.

Junqueiro calou também a voz harmoniosa e límpida como nenhuma, com que houve acentos fugidios de génio, inesquecíveis. E val-se apagando na alma dos seus fleis a esperança na *sintese filosófica* do seu pensamento religioso. Explicitamente ele a anunciou e a própria evolução e natureza da sua arte a prometeram, visto como esta foi realizada, na sua ascensão da veemência bíblica de Ezequiel para a evangélica suavidade de San Francisco de Assis, pela permanente colaboração da reflexão e curiosidade do intelectual com o ardor proselitico do semita. Entanto, mesmo que o poeta falte à sua promessa, é já grande e formosa a herança que lhe devemos. E o que dela mais prezamos—apresemos-nos a dizê-lo—não é a irreverência do seu romantismo democrático e anti-católico, mas a ternura cristianíssima pelas almas simples que amam e sonham, crêem e sofrem, no emolduramento da paisagem como elas rústica, e a quem ele, com mais comunicativa, clara e elegante eloquência que ninguém, entocou todo um hinário religioso, que anda na memória e no coração de todos nós.

Dos vivos em plena actividade criadora, começemos pelos poetas:

Pascoais é o grande mestre da moderna poesia portuguesa. «Não notareis nos escritores citados todo um esforço para acordar a raça à consciência de si ou da vida? Sente-se bem, de facto, uma ansiedade de libertação e recomço. Andamos perdidos de nós próprios, e daí os recuos e precipitações, os cambaleamentos e quedas. Pascoais surge a anunciar a Boa Nova—A saudade—a *Virgem Mãe da raça portuguesa*—é simultaneamente lembrança contempla-

tiva e aspiração activa, consciência, no coração lusiada, da existência universal, feita do doloroso esforço ascensional e infinitamente criador.

Impregna a sua obra todo um misticismo de alma perpetuamente em contacto com o mistério e, por isso, nela relampagueiam, a espaços, claridades de revelação. Palpita uma vaga névoa crepuscular sobre as suas páginas, mas é a névoa da ante-manhã, tenuemente esclarecendo os abismos do Infinito, que as aparências velam. Poeta da zona marítima da Península, onde a luz se tamisa através dos nevoeiros do Atlântico e assim, ao poente, as montanhas, dissolvendo o arcaboço terreno, desdobram scenografias de confins de mundo, transfiltrações de sugestões de Além, é ele, no seu quasi delírio profético e no seu penumbroso verbo religioso, a própria paisagem galaico-lusitana falando a sua íntima essência. E ainda porque emerge desta raça em que se fundem elementos celtas e semitas, metafísica e naturalista, amando a meia sombra anímica em que a lágrima é sorriso condensado e o sorriso lágrima cristalina que se dissolve, é ele o poeta revelador do verbo que a alma lusiada e a alma galega há séculos tentam conjugar. Não admira, pois, que Portugal e Galiza vejam nele, mais que o artista, o evangelizador da salvação do seu profundo espírito original.

Ao lado de Pascoais, ergue-se Antonio Correia de Oliveira. Exuma da tradição para os seus versos a velha alma portuguesa—e é ela que neles canta e se exalta, prégando fé no futuro e amor ao passado. Não tem o espírito vidente de Pascoais, que rasga clarões na Sombra Eterna; mas por isso mesmo desdobra em planos mais claros de consciência um pensamento mais raciocinado. Não o turba, como a Pascoais, o delírio pitonísico; e conseqüentemente é mais artística e elegante a sua forma. Mas é por igual um pensamento apostólico que o orienta e, ultimamente, Correia de Oliveira tem sabido ser a voz comovida do Passado, paternalmente falando ao alarido confuso de Presente.

Junto a estes poetas da Raça e da Tradição o nome de Afonso Lopes Vieira, outro enamorado da alma lusa. Há pouco, a campanha vicentina do autor das *Ilhas da Bruma* logrou transferir das velhas bibliotecas para a luz natal do proscénio esse mestre Gil, um que não tinha ceitil e fazia os aitos de el-Rei, reconciliando os portugueses com uma das mais autênticas glórias do seu teatro.

¿E Mário Beirão? ¿Que é feito dele? Recordo

com saudade inútil a sua musa de prestigioso poder evocativo, ora delirada e trágica, ora gemebunda e suavíssima, e recordo-a porque nenhuma outra melhor revelou a fala dramática e obscura que exalam, na minha terra do Sul, as vastas solidões amarelas e as charnecas paradas, em cujas poças razas tomba exânime e arrependida de les queimado, a última luz da tarde.

Abismados em si próprios, alheios à vida que torvelinha em redor, para melhor escutar os estremecimentos da sensibilidade mórbida, vagueiam poetas como Américo Durão que no *Tântalo* cantam:

«A dor sem nome de nascer vencido.»

Envenenam-se à Sombra da mancenilha que eles próprios plantam e cariciosamente cultivam. São derramadores de sugestões de desalento e desgosto. Dão voz aos momentos crepusculares da raça, tradução bela, às vezes, duma rara beleza enleante e cariciosa, como sucede no *Tântalo*, às plangências da guitarra portuguesa...

Entre os *intimistas* cumpre ainda destacar, porque é incomparável de verdade psicológica e sinceridade expresiva, a jovem poetisa Virgínia Vitorino, que surgiu há pouco, com os *Namorados*, linda e triunfante, em toda a graça duma aparição. A mulher portuguesa ama nela a sua melhor intérprete. Depois, a simplicidade da sua arte só é comparável à de Augusto Gil.

E eis outro poeta que o povo adora, pela limpidez com que lhe dá a comungar a alma—uma alma sem complicações, com saúde, que lhe é profundamente fraterna, e duma fluência e beleza líricas infinitamente amáveis. É um João de Deus menos ingénuo de forma e menos romântico de temas, mas como é formosíssimamente e singelíssimamente traduzindo a graça virginal das almas e das coisas, banhadas em claridades matinais.

E porque falei duma alma sã, realizando uma arte de Sãdia beleza, não posso esquecer João de Barros, em cuja obra poética há força dionisíaca, alegria de viver, plena luz de meio-dia.

Alheado da raça, da tradição, da própria intimidade, convencido com Gautier que *la Muse est jalouse; elle a la fierté d'une déesse et ne reconnaît que son autonomie*, pontifica Eugénio de Castro no altar solitário da sua arte aristocrática—arte que vive para si própria, tendo evoluído das bizarras dum simbolismo flambante e sonoro, cada vez mais airoso e

arquiducal, para mais clássicas e puras perfeições. Os sentidos do poeta são abelhas do Hime-to, forrageando, sob o céu azul, o mel delicioso das sensações que passam. Mas é tam linda e musical a arte que elaboram, que, lendo-o, nos reconciliamos com a vida, porque nela maravilhosamente se orquestram cores e músicas e perfumes, e enxames de imagens irisadas escondem abismos feios e negras nuvens.

* ¿E quanto aos prosadores?

Este ano devem ter aí appareição três livros estranhos de prosadores portugueses—a tradução espanhola de *Os Pobres* de Raúl Brandão e a tradução também espanhola de *A Alegria, a Dor e a Graça* de Leonardo Coimbra e recentemente, do mesmo, a *Adoração*.

E eis os mais invulgares temperamentos de artistas em prosa portuguesa, antipodalmente distanciados um do outro, contudo. Brandão, sondando a miséria e a dor humanas, em *Os Pobres* abeirando-se da tragédia do banal, no *Humus*, onde as vidas se estiolam e marasmam emparedadas no hábito, algemadas no preconceito, os olhos vendados pela aparência, bem que sentindo a vida esplêndida e dionísica, marulhando incitamentos de revolta, de em torno ao cárcere, realiza uma arte sombria, que nos oprime de pávida angustia como se caminhassemos sobre cristas de abismos subterrâneos. Leonardo, filósofo e poeta, exuberante de vida mental e física—dionisiacamente excedente—alteia para visões de esplendor um pensamento mais largo da Vida. A Vida que ele canta não é a encarcerada na lóbrega caverna onde o troglodita ainda empareda o homem. Leonardo ama traduzir as aparências fugidas em transcendente e eterno. Não fixa a passageira ruga em que a onda encrespa, mas a própria corrente infinita que arrastra a onda. Assim, em *A Alegria, a Dor e a Graça* que é a melhor tradução em lírica linguagem do seu pensamento filosófico, *A Alegria*, é, na memória virgem da criança, ou do Santo que de criança guarda a pureza, a vaga consciência da primitiva e cósmica unidade, da amanhecendo clareza das existências apenas em esboço: a dor, é, na fragmentação e dispersão pluralista dessa unidade, a angústia da alma isolada no universo, interrogando os mudos ceus sobre o seu destino; e a *graça* é, finalmente, a presença em nós, sentida como um beijo divino, do próprio Ser infinito que é a consciente unidade integral e plena, a gostosa comunhão na sociedade mais alta que resultará da harmonia das consciências individuais, no mesmo ritmo de amor eter-

no. Assim distanciados em pensamento, Leonardo e Brandão apresentam, no ponto de vista da forma, uma diferença igualmente profunda. Espelham as suas obras, dir-se-hia que pera se completarem, as duas faces de Realidade—a sombra noturna e os esplendores meridianos. Os quadros de Raúl Brandão são feitos a carvão e nanquim, os de Leonardo Coimbra são telas rafaelescas, duma inextinguível riqueza cromática. De qualquer maneira, entanto, há num e noutro originalidade poderosa e, em profundidade ou altitude, fortes latejamentos de vida essencial e anímica, surpreendida para além das aparências illusórias.

Quem se sente bem, gostosamente, na inspeção da vida epidérmica, sem escafandros para sondagens nem asas para ascensões, é Aquilino Ribeiro, cuja arte é fabricada pelos seus sentidos fortes de primitivo, palpitantes de guloseima animal. É um novo como Leonardo, consagrado de há pouco. Beirão sensual por temperamento, airado em parisiense voluptuoso por educação, é toda a sua obra consagrada ao culto de Pan e de Venus. A paisagem beiroa afoga-se nela em luz afrodisiaca e as almas são o expoente da carne apetente, ora em explosões de brutalidade animal, ora em requintes de volúpia sibarítica. Mas há grandeza nesta audaciosa sinceridade dos temas e muita beleza pictural e plástica surdindo, surpreendente, do vigor campezino de muita página.

Todos estes escritores vivem olhando, em altura, profundidade ou superfície, a vida moderna e dela tiram os temas da sua arte. Na evocação da vida pasada, têm-se com prazer Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça. O primeiro possui, para a ressurreição dos grandes dramas passionais da história pátria, uma inextinguível riqueza lexicológica, um vivo sentido dramático e apreciáveis faculdades de movimentação teatral.

Lopes de Mendonça, mais ainda do que Antero se isola para as bandas do Passado. Mas dos pergaminhos que o rodeiam no seu gabinete da Academia das Ciências de Lisboa, não procura ele, apenas erguer, como Antero, numa pura intenção de psicólogo ou artista, as almas que nevroses dramatizaram. Antes anda em busca das energias colectivas que realizaram a epopeia dos descobrimentos e conquistas, numa bela intenção de apostolado social. Quem ensalou este género com brilho, foi Júlio Dantas, na *Pátria Portuguesa*. Abandonou-o, porém. Prefere-lhe agora o *badinage* escandaloso aos ouvidos de Mme. X.

Os *passadistas* lembram-nos por oposição, os *avanzados*. Devo dizervos que entre nós, infelizmente, há, sob o ponto de vista das ideias avançadas, mais acção que pensamento-motivo porque é aquela um precipitado desencadeado de instintos, séria razão de apreensões quanto ao futuro.

Os únicos nomes que ocorrem são os de Mannel Ribeiro e Jaime Cortesão. A *Catedral* de Ribeiro é, entanto, coisa estranha! um livro para católicos e estetas, sindicalistas e amorosos. O autor, com praça assente nas fileiras do comunismo, vibra duma comoção apróximadamente idêntica perante todas as modalidades da ascense-a estética, a religiosa, a amorosa e a revolucionária. A sombra da Catedral que, na reconstrução, vai raspando os seus emplastos e recompondo o diadema das suas capelas absidais, um grupo de almas vive o drama duma ascensão para ideais que, bem que diferentes, têm a mesma forte sugestão exaltadora e purificadora.

Jaime Cortesão, poeta e dramaturgo, temperamento de esteta que a Guerra Europeia, em que andou envolvido, como médico, encaminhou para a actividade social, acaba de fundar com um grupo de escritores novos, de entre os quais destaco os belos nomes de Raúl Proença, Faria de Vasconcelos, Raúl Brandão e Augusto Casimiro—a revista—*Seara Nova*. E a estreia do grupo, em matéria de apostolado social, foi a peça de Cortesão: *Adão e Eva*, há pouco representada em Lisboa e vivamente discutida na imprensa. É uma peça com defeitos, inferior à obra poética do autor, inferior à própria intenção, mas notável pela sua ousada atitude, mais ousada que clara, em face do problema social e ainda notável porque tem os aplausos solidários dos fundadores da revista, onde há inteligência e vontade, mais provavelmente que ideias claramente definidas e planos organizados, ao menos nesta primeira fase de formação. *Adão e Eva* prega, ante a violência duma explosão revolucionária, à margem e a

dentro da qual se desdobra a acção da peça, a necessidade de eliminar a raiz do mal social, que, no critério demasiado actualista de Cortesão, vem a ser a opressão usurpadora, mas começando por eliminá-la das próprias almas, onde ela gera, ao mesmo tempo, a voracidade do burguês vivamente atacada no drama e a ânsia de vingança do operário, que desencadela a catástrofe que a acção repercute.

E de teatro... nada mais vos tenho a dizer. Depois da morte de D. João da Câmara e de Marcelino Mesquita, dois temperamentos excepcionalmente dotados do sentido dramático e da mestria técnica, o teatro entre nós é uma curta sucessão de ensaios estereis que não merecem menção. Se um pouco o nome de Carlos Selva-gem emerge para o acolhimento da nossa simpatia, é pelo carinho com que trata a viva realidade da sua aldeia. E a Júlio Dantas, que tem um incontestável talento de *arranjo teatral*, falta absolutamente a capacidade para a dentro dele, agitar almas que seriamente e sinceramente vivam a própria vida.

E eis, resumidamente, o que tenho a dizer-vos sobre literatura portuguesa, no actual momento. Na estreiteza dos limites dados, mesmo assim provavelmente excedidos, cumpria falar apenas nos mais representativos. Entre os omitidos, figuram os escritores da Grande Guerra. Porque neste pequeno grupo ha para destacar, além de Cortesão que ela feriu, Augusto Casimiro, que na Flandres foi um lírico e simpático apóstolo, atraindo uma bela figura militar, e, sobretudo, Pina de Moraes, tão grande como modesto e simples, espontâneo em tudo—até no talento, dum maravilhoso poder criador, em directo e íntimo contacto, dada a sua cultura por enquanto deficiente, com as fontes profundas de onde jorra mais pura e viva a emoção, nele portanto duma rara virtude comunicativa.

HERNANI CIDADE

Pórt. XI-921.





O MONOPOLIO DO COMERCIO DO DIÑEIRO

COMENTARIOS ENCOL D' UN LIBRO

No ano de 1916 Arthur Travers Borgstroem publicou un folleto titulado *O triunfo da organización*. Despois d'espór n-ll a situación na que quedarían na Europa, na hora da paz os países belixerantes, dí, falando dos neutrás, qu'istes tenderían que soportar tamén cargas enormes. Unha parte mínima somentes d'istes gastos podería ser satisfeita pol-os impostos; o resto tería que ser cuberto con préstamos, que un día ou outro haberían de ser reembolsados senon pol-os homes d'hoxe, pol-as xeneracións do porvir. Os seus intereses terían que ser pagos dende logo, y-esta carga abondaría pra faguer rubir as contribucións a tipos inauditos. Cumpriría enton botar man de medidas radicaes. Como faguelo sen ruinar ós ricos e levar ós probes ó desespero? Que habería que facer pra saír d'iste atolladeiro? Desanimadas total-as fontes d'ingresos que debalde buscan os mais afamados financeiros, y-as complicações d'orde político qu'a súa aplicación podería tragner consigo, dí mais adiante: «A guerra ten demostrado qu'o socialismo do Estado, o intervencionismo, non é somentes posíble, senon que é realmente útil pra mais d'unha rama da vida económica. Nos países belixerantes, todo o mundo serviu pra algo, no exército, na mariña, nas fábricas de municións, nos hospitáls, na Cruz Roxa, nos negocios en xeneral, todo o mundo traballou; as fábricas foron nacionalizadas; os navíos requisados; sen monopolizar os xéneros precisos

pra vida, fíxose o seu precio; ás mulleres y-ós fillos dos soldados déronselles empregos e retiros, e todo isto non solo na semi-socialista Alemaña, senon na Ingraterra librecambista. Créese verdadeiramente qu'os obreiros perderían a lección e voltarían ó antigo estado de cousas?» E despois d'estudar o egoísmo dos *trusts* e dos sindicatos de proletarios, escrama: «Pídevos por todo isto, *patres conscripti*, que non vos quededes sentados nas vosas sillas curules, namentras César e Clodio arranxan por vós os negocios de Roma. Com'enton, o egoísmo do capital non é menos dañoso qu'a gabachería do traballo».

A solución do problema dáa o autor no diálogo seguinte:

«Fai algúns anos perguntei a un banqueiro meu coñecido:

—Que diríades si o emperador da China decretara a nazonalización de todol-os bancos privados e de todol-as compañías de seguros?

—Diría—reprícou o meu amigo—qu'o emperador xustificaría qu'era realmente Fillo do Ceo. Mais nono fará. O efecto sobr'os veciños sería deplorable, pois teño pensado o fácil que sería prós gobernos apoderarse de total-as compañías de seguros.

—E dos bancos, non?—perguntei.

—Eso xa non sería tan doado, mais tamen se podería faguer si se fai mañosamente. Eu encargárame d'elo se me nomaran *boss* da banca china.

Teño unha gran confianza no xuízo do meu amigo, e meditei de vagar, no qu'il me dixerá.

Ven logo a guerra, que nos botou a todos, máis alá do sendeiro trillado pol-a rutina cotidiana, relacionando cousas que parecían ter precisión de seren refeitas, e permitindo realizar as que non parecían posibles. E volvin entón á miña antiga idea. Despois de todo, porque non monopolizar o diñeiro com' o tabaco, os mistos, ou calquer outro xénero de consumo? Os banqueiros e máis os usureiros venden diñeiro coma o comerciante de tabaco vende cigarros y-o tendeiro mistos...

Cando me decidin a espor ó público iste proxecto, tiven a inocencia de creer qu' o destino me tiña concedido o privilexio de dar a luz unha novidade. Quedei desencantado; o privilegio corresponde a un prusiano da Prusia Oriental. N-unha obra titulada *Reform oder Revolution* publicada en 1894, o conselleiro intemo C. Von Masou preconiza reformas radicais encamiñadas a conxurar o espanto do socialismo y-a salv-a patria da revolución qu'il ve próxima. Declarase campeón da nazonalización económica, non das terras, naturalmente, senon do comercio de trigos, carbóns, diñeiro e de certos xéneros d' importancia esencial y-ange toca de pasada a cuestión do diñeiro e non da detalles d' organización, dí qu' en todo caso, a nazonalización d' esta clás de comercio é moi recomendabre. Non poden atopar outros autores que teñan abordado o asunto, quitando crar' está, os socialistas que o queren nazonalizar todo.

A banca en realidade, non é máis que un dos elementos do comercio do diñeiro. A mñ paréceme qu' unha vez ceibados no camiño da nazonalización económica, o Estado debería ir máis lonxe. Non contento con nazonalizar a banca e máis o préstamo de diñeiro en tanto qu' é exercido coma negocio, pol-os establecementos de creto, os banqueiros y-os prestamistas, debería acaparar todo o conxunto d' empréstitos e préstamos, xa antre establecementos oficiais ou particulares ou xa confinados na vida privada de individuo a individuo. Solo así sería eficaz a reforma e difícil ou imposible sustraerse a ela. Que non s' alarme o lector, que non s' asuste o seu sentido de bó burgués, d' estas ídelas, anque lle parezan subversivas, nin vexa n-elas a pata de diño do socialismo. En realidade a medida é grandemente conservadora e defende a liberdade y-a propiedade da marea invasora da democracia social.

Na práctica o proxecto é moi sencillo. O Estado apodérase das organizacións de creto

privado cos seus activos e pasivos y-esto é todo. Pol-o demais as cousas seguirían como denantes y-a gran masa non adevirtiría o cambio. Os prestatarios alcontrarían na persoa do Estado un acreedor complaciente y-os prestamistas unha colocación segura do seu diñeiro. A outa banca berraría ¡roubo! Pero eiquí non hai tal roubo. Os capitalistas y-os aucionistas nada perderían. Os directores y-os empregados atoparían novos servizos e salarios seguros, y-o Estado coma nas Caixas d' Aforro d' hoxe pagaría o intrínseco normal.

A administración non sería complicada. O instrumento existe xa. O ministerio de Correos non é outra cousa que un vasto establecemento nazonal e internazonal de banca e seguros. Pra compretar o proxecto habería que facer entrar n-il certas funcións da banca moderna que son de concención xeneral do préstamo e do empréstito, tales como servizo de cheques, transferencias, ordes de pago, e todo o arsenal da Bolsa, corretaxe, axiotaxe, arbitraje e demais denominacións d' iste organismo internazonal. Os seguros naturalmente seguirían a mesma sorte, y-esto xa non é ningunha novidade pois von Justi fala d' ela a mediados do século XVIII? E despois, a nazonalización do seguro formou parte das ideas de Louis Blanc. Na Alemaña o socialista Rittinghausen propuxo extender esta idea o imperio enteiro e Italia nazonalizou os seguros de vida por unha lei recente que comenza a rexir no 1922.

Pero xa a copia foise alongando demais, e teño qu' abreviar. Fala tamén Borgstroem de resolver o problema da venda de mercancías a crédito por un aval forzoso do Estado que cobraría un premio por elo, e declarararía nulos e sin eficacia legal todol-os contratos d' ista clás, ós que faltara a intervención oficial. O departamento de seguros da Oficina de Correos sería naturalmente a encargada d' iste servizo, verdadeiro seguro fiduciario.

Non teño, dí pra terminar, a pretensión de qu' istas medidas sean unha panacea pra todol-os males da humanidade, pero si son un medio con outros medios paralelos, de franquear o abismo aberto entr' o capital y-o traballo y-atenuar a desconfianza entre patronos y-obreiros, desconfianza e' o actual sistema económico de libértá da banca e do crédito non fai qu' agravar.

Non hai duda qu' istes medios darían ó Estado un dominio sobr' o capital y-o traballo que lle permitiría, sobre todo nos países de desenvolvemento abastado, ós sindicatos d' unha y-outra parte a un xeito máis propicio á con-

cordia e mais en relación co'a dinidade da *res pública*. Non hai que decir que ben adeministrado este sistema sería unha fonte abundante d'ingresos, cousa que non é de desprezar nos nosos tempos...

«Da organización en tempos de guerra ten que sair a organización en tempos de paz. Ningún poderá deter a marcha d'iste desenvolvemento. Por ben ou por mal o Estado debiera perseguir a concentración do poder nas súas mans ant'o temor das nacións concurrentes ou de turbulencias interiores. A organización trunfará pero a expensas da liberdade...

Xa está terminada a guerra y-os males presentes superan os previstos. O abuso do crédito, o escandaloso comercio dos sinos monetarios que convirten nun verdadeiro xogo de azar as máis simples operacións mercantís, as Bolsas xugando c'o creto das nacións, o egoísmo da gran banca dos *Trusts* e dos *Cartells*, dos sindicatos, os enormes déficits dos presupostos dos Estados, todo prepara un porvenir cheo de negruras, e por eso nos parece d'actualidade por en circulación as ideas dos economistas y-as de Travers Bergstroem creemos que pola súa orixinalidade son dignas de que se posea delas a atención.

Y-estas ideas non son novas na literatura hispanola. Florez Estrada a principios do pasado século ó tratar da produción na riqueza, propuña, anque con vacilacións e distincións, impor unha contribución sobr'a renda das que non producen riqueza, ou indistintamente sobr'os ingresos que tivera cada asociado y-empregar o importe como capital, emprestando a intrínsecas ás persoas que s'obrigasen a destinalo a un ramo de industria, ou destinandoo o mesmo Estado. Si a contribución recaíra sómentes

sobr'as clases improdutivas y-o goberno prestara o importe por un premio igual á qu'o diñeiro tivese no mercado, sería o mellor medio pra conseguir o desexado, por cuanto a contribución esixiríase da porción de produto anual que n-outro caso consumiríase improdutivo, conseguíndose a maiores unha mellor distribución da riqueza na sociedade.»

Os empréstitos emitidos pol-os Estados belixerantes é aínda por moitas nacións neutrás ausorben cos seus intereses máis da mitá da cifra total dos seus presupostos, arrincados da produción en favor d'un consumo improdutivo. Y-esí non se pode seguir, ou se fai un alto no camiño, ou querendo salvá-lo todo vaise a perder todo.

O mesmo Florez Estrada sostíña qu'o máis funesto dos consumos públicos improdutivos, son os que fora da perda de valor que causa, sumen as nacións no dolor e no abatimento. Y-entr'eles puña os causados pol-as guerras que se fan por espírito de vinganza, por celos, por preocupacións ou por pura vanagloria, e que non teñen por resultado máis qu'oprobio y-a infamia. Mais valera qu'istas frases non s'ouveran esquecido.

Así falan os economistas, pero casi nadie escoita as súas palabras; as nacións seguirán o camiño do seu calvario cargadas co'as súas deudas abafantes, que funden os probes y-ós pequenos, pero levando altos e ben sentados nas súas sillas, ós ricos banqueiros, ós axiotistas opulentos cuxas caras de Shylock asoman atrás das cabezas dos gobernantes cada vez máis grosas, máis rideiras e máis satisfeitas.

JULIO A. CUEVILLAS

Ourense, 13 de San Martiño.

NOVELA

Ramón Carballo foi a Bos-Aires e volveu probe. Ramón Carballo foi á New-York e volveu sen cartos. Ramón Carballo foi á non se sabe onde e xa non volveu máis.

M. Lavalet gana o seu pan vendendo restos humanos. M. Lavalet é un home arrepiante: ollos roxos de vidro, cabelos mortos de peluca vella, regos secos de sudor luxado na testa, friaxe d'eter nas mans e nos beizos a sustancia de moitos venenos. Iste home vive no terreiro d' unha rua estreita de París.

Certo día chamei cos cotelos a súa porta y-

entrei... Unha sala chea de osos humanos, algúns aínda frescos. Na sala das *curiosités* un feto momificado ollándos' o embigo, unha calivera de gorila, co-a súa cresta de casco guerreiro, a pellexa da cabeza d'un chino pra sere colocada n' unha armadura d' escayola.

Cando M. Lavalet soupo qu'eu era pintor amostroume unha gran colección de coiros tatuados e curtidos pra facer petacas... Un d' eles era do peito d'un home representando un paxaro c' unha carta no peteiro e debaixo iste nome: Ramón Carballo.

CASTELAO

BERROS DO ALEN

... E o home forte, férreo, o filósofo-poeta berraba: «[Eu digo]vos que soio onde hai tumbas hai resurrección!»

E a illa verdercente cuías veizadas semellaban estremecerse ao acompasado batire dos longos remos que a arela de vida ceibe semellaba tere postos n-elas pra poder sulcare ao seu impulso forte os mares surrentes do vivir sen amos e sen opresión, desacougábase ategada d'espranzas sementadoras a cada novo paladín que caía.

E novamentes o filósofo-poeta, o home de ferro voltaba a berrare: «[O tremor da terra afunde moitas fontes e crea moita sede; mais tamén ergue á luz as forzas interiores e os misterios. O tremor da terra revela novos manantiaes. No catacrismo dos pobos antigos xurden manantiaes novos!»

E a illa, antano berce de santos e hogano ber-

ce de heróis, andaba a mostrare ao mundo a variedade de tesouros acobillados na súa entrana, que a tiranía do monstro opresor quixera mantere afundidos na eternidade dos séculos.

E o filósofo-poeta cós seus berros fortes como aceiros, novamente tornaba a berrare: «¿Non sabedes que a disciplina do dóre é a única que até o de agora levou ao home ás grandes outuras?»

E a illa das lédas lumiosas como faros, n-ista hora solemne e xúrdia do despertare dos pobos, abalábase compracida ollando como os seus fillos a erguían á grande outura do vivir libre, sen trabas, inapreciabel recompensa por Deus concedida aos pobos que saben mantere limpa a súa immaculada dignidade aínda no meio dos meirandes infortunios e torturas...

RAMÓN VILLAR PONTE

SEICIÓN ARQUEOLÓXICA

A MANSION AQUIS QUERQUERNIS

.PREÁMBULO

Como foi Galiza dend'a guerra cántabra á invasión sueva? A que grado chegou n-ela a influencia da relixión, dos usos e dos costumes de Roma? Foi autiva ou non a migración dos latinos á nésa patrea galega? Os celtas ou celto-figures qu' a poboaban, deixaron logo as bragas pra vestir a toga, ou continuaron apegados durante moito tempo a súa maneira de ser? Non se sabe.

Podemos somentes decir qu' a nésa lingua ten orixen latino; qu' os romanos estabreceron eiquí a colonia de Lucus Augusti, que das catro vías militares qu' íban de Asturica a Bracara, tres atravesaban a Galiza; que teñen aparecido ouxetos, restos d'industria e vestixios d' explotación mineiras da época d' os romanos; que nos moimentos epigráficos, non moi abundantes, aparecen frecuentemente nomes de dioses, de xentes e de presos d' indudabel raíz indíxena, e nada mais.

Os historiadores da época augusta Xifilino, Sparciano, Lampridio, Capitolino, etc., nin por casualidá din nada da nosa terra. Eiquí non houbo sublevación de provinciales afogados polo fiseo, nin proclamación d'emperador a cargo de lexionarios revoltados. Conócese que Galiza estívose queda e calada y-os esquirtores que relataban a gloria de Roma y-os feitos outos ou baixos dos Césares nada tiveron que decir d' ela.

Os xeógrafos y-os científicos d'aquél tempo Strabon, Plinio, Mela e Ptolomeo, falan do noso país coma podería falar do Senegal un xeógrafo do século XVIII. Vese que Galiza non intresaba nin preocupaba ás xentes e qu' era mirada com' unha cousa lexana e perdida aló, no cabo do mundo, cara o mar sin fin e sin lindes.

Hastra o século IV non sabemos de ningún galego qu' houbera brillado na literatura, na

milicia ou na administración. Somentes, aca-chadiño n-un escrito de Marcial aparece Lucio, un poeta a quen compara con Horacio o gran satírico español.

E aínda no século IV as tres grandes figuras que se dan coma galegas, o papa Dámaso, o emperador Teodosio y-o heresiarca Prisciliano, non se sabe fixamente se naceran eiquí ou n-outro lado, e de todas as maneiras nada dixeron da nosa terra.

Así é que pra o estudo da Galiza romana pódese decir que non temos mais documentos qu'os qu'a Galiza nos dé. As lápidas, o estudo das vías, os restos esnaquizados do arte e da industria, vel' eiquí as fontes a examinar, as que nos teñen que dar a resposta das preguntas que facíamos ó principio d' iste párrafo.

En epigrafía tense traballado moito e ben; Sarmiento, Ceán, Barros e nos nosos tempos Vázquez Núñez y-o gran D. Marcelo Macías, transcribiron, interpretaron e traduciron moitas e moi interesantes lápidas.

Os trazados das vías está ben determinado n-os estudos de Saavedra, Blázquez e Sanjurjo, pero falta o principal, falta preguntar á terra os seus segredos, falta remover a arcilla dos aluviós y-o sábreo das montañas; e pra esto non basta o entusiasmo mais aceso, nin a mais outa cultura, percíbase tamén difeireiro, ese di. ñeiro que na Hespaña fuxe sempre das más da cencia pra ire Deus sabe onde.

E así as cousas non cabe ós aficionados a ista clas d' estudos mais qu' un recurso: o de practicar esporádicos preliminares, o de fixar d' unha maneira certa o lugar dos yacimentos históricos pra qu' outros mais afortunados terminen o labor comenzado. Empresa modesta e pequena com' operación de vanguardia que descubre o terreo y-avisa ós que veñen atrás. Traballo útil pero que ten a tristura das cousas que s' empezan sabendo que non s' han d' acabar.

Y-esto foi o que nos fixemos en Aquis Querquernis. Queira Dios qu' o noso labor poda ser terminado algún día.

Os Quarquernos

Dí Schulten, que de todas as rexións da Hespaña a única que conservou durante a época romana a súa división en tribus, foi Galiza. Non temos noticia da mor parte d' elas, pois os escritores d' entón resistíanse a estampar os seus nomes por sonarlle a cousa bárbara e pouco eufónica, *ignobilium ac barbarae appellationis*, que di Plinio.

Hai si nembargo algúns que por pertencer a agrupacións máis importantes e millor coneci-

das, ou por ser de mais agradable pronunciación aparecen citadas frecuentemente. Tal ocorre co da tribu ou cividade dos *Querquerni*, nomeadas así por Plinio o Vello entr' os pobos do convento Bracarense, e que s'alcontra desfigurado en Ptolomeo, qu' escribiu *Cuarcenti*, posteriormente no Anónimo de Ravena baixo a denominación de *Cercenti*.

Na célebre inscrición da ponte de Chaves que reproducimos a continuación, figuran entr' os dezpobos dedicantes os Querquernos qu' eiquí convírtense en Quarquerni.

IMP. CAES. VESP. AVG. POT
MAX. TRI. POT. X. IMP. XX. P. P. COS. IX
IMP. T. VESP. CAES. AVG. F. PONT. IRIB
POT. VIII. IMP. XIII. COS. VI
.....
C. CALPETANO. RANTIO. QVIRINAL
VAL. FESTO. LEG. AVG. PR. PR
D. CORNELIO. MAECIANO. LEG. AVG
L. ARRVNTIO. MAXIMO. PROC. AVG
LEG. VII. GEM. FEL
CIVITATES. X
AQVIFLAVIENSES. AOBRIGENS
BIBALI. COELERNI. EQVAESI
INTERAMICI. LIMICI. AEBISOC
QVARQVERNI. TAMAGANI

O motivo d' ista dedicação debeu ser según á autorizada opinión do sabio epigrafista alemán Hübner, a concesión do *ius latii* que Vespasiano otorgou a toda a península, ou cecais algunha outra mercé dada por aquil emperador ás cividades dedicantes.

Sea o que queira, esta lápida y-os testos dos autores antes citados demostran d' unha maneira crara e terminante a existencia d' un pobo Quarquerno pertencente ó convento xurídico de Bracara.

Vamos agora co auxilio do Itinerario d' Antonino Pío e dos traballos que sobr'a vía número 18 do mesmo téñense publicado, a determinar a situación d' ise pobo Quarquerno.

Aquis Querquernis

A dita vía penetraba na Galiza pol-a Portella do Homen, cruzaba o Limia na Ponte Pedriña cerca de Cabaleiros seguindo o marxen dereito d' aquil río entraba n'Antela por Ralriz, pra saír d' ela por Vilar de Barrio; escalaba o Rodicio, e despois de pasala Navea chegaba a Trives; baixaba o Bibey, retorcíase nos codos

de Larouco e pasando pol-a terra de Valdeorras entraba en Castela pol-as serras do Bierzo.

As catro primeiras mansións d'esta calzada, según o Itinerario d'Antonino, y-as suas dis-



A ara romana da leixa de Santa Comba

tancias respectivas en millas, admitidas polo Sr. Blazquez son as seguintes:

Bracara	0
Salaniana	21
Aquis Originis	18
Aquis Querquernis	14
TOTAL	53

Sabemos polo tanto qu'a 53 millas de Bracara existía unha mansión, da vía é dicir un punto de parada con pousada pr'os viaxeiros y-os soldados e onde residía parte do personal adscrito á complicada administración das postas imperiais, e que según nolo indica claramente o seu nome estaba situada na terra ou país dos Querquernos.

Coñecida a distancia d'esa mansión a Braga, e coñecido o trazado da calzada parece fácil a determinación do lugar onde s'asentaba, pero as diferentes lonxitudes das millas, que variaban según as medidas particulares dos países que atravesaban os camiños romanos y-o achádego dun miliario sinalando P M XXXVIII a Braga

e que Castellá Ferrer e Cean confundindo os Baños de Río Caldo cos de Bande colocaban n-este último punto, levaron á algúis a situar a mansión d'Aquis Originis no dito lugar de Baños de Bande, chegando o P. Sarmiento a levar Aquis Querquernis a Zarracós, aldea situada entre Celanova y-Allariz, fora por comprobante da dirección da vía.

Afortunadamente traballos posteriores, e sobre todo os notables estudos de Blazquez e Sanjurjo que chegaron a fixar d'unha maneira moi apronsimada o valor da milla n-esta vía, permitíronlle afirmar sin xénero de dúbida qu'a mansión d'Aquis Querquernis estaba emplaçada no término parroquial de San Xoán de Baños de Bande e non lonxe do lugar onde s'alcontran as fontes termaleas que serviron ós romanos pra nomear aquilo lugar.

Podemos polo tanto colocar os Querquernos na rexión do Limia medio y-ocupando terreos do actual distrito de Bande, onde estarían establecidos seguramente moito antes da chegada dos romanos.

Crese qu'as mansións das vías establecíanse sempre co trazado das mesmas o permitía, en lugares poboados y-o fronte das agrupacións indíxenas de mor importancia.

As diferentes distancias mansiónarias que non s'axustan a un plan fixo de relevos de postas, mais cercanos ou mais lexanos según a natureza do terreo, y-o sistema latino d'establecer ó longo dos camiños centros de romanización, fai supor qu'eiquí en Galiza ond'a fundación de colonias itálicas foi escasísima, aprobeitábase pra colocar as mansións, puntos de residencia de moitos empregados romanos, as vilas indíxenas existentes, pra desd'elas facer irradiar o romanismo ó seu arredor.

De pasar isto en Aquis Querquernis, teríamos qu'alí vivirían xuntos romanos e celtas, conquistadores e conquistados, verificándose polo tanto a confluencia das dúas civilizacións que tería que reflexarse nos ouxetos de uso diario, nas construcións e no arte, cuxos restos d'existir poderíannos servir pro estudo do romanismo na nosa terra moito millor que con desquisicións feitas no aire.

E aínda hai outra circunstancia qu'añade importancia á mansión que nos ocupa, a de ser lugar d'empalme d'unha vía secundaria que saía da principal probablemente pra Lugo.

O estudo d'ista vía aínda non está feito pero a súa existencia está probada polo achádego de dúas miliarias, unha en San Lourenzo de Cañón y outra en Barxiña e d'ela téñense ocupado xa Vázquez Núñez, Sanjurjo e Puig y Larraz.

**A epigrafía latina de Baños
de Bande y-a Irexha
de Santa Comba**

Co dito sementes, xa se pode aventurar a hipótesis da existencia en Aquis Querquernis d'unha vila romana ou celto-romana, de relativa importancia, desaparecida cicais nos días da invasión sueva, ou posteriormente nos tempos das incursións árabes ou normandas.

Pero unha vila non desaparece sin deixar sinal de si. A pedra é dura e non podrece, y-a mais, nas casas arruinadas hai moitas cousas qu'aproveitar. Os sillares labrados e os cachotes ben asentados poden servir pra erguer n-outro lado novas paredes, os restos d'un templo pagano poden ir adornar unha irexa de Cristo. Lembremos das ruínas da Colonia Ulpia establecida por Trajano en Sarmizegetusa, que queimada y-esnaquizada foi nai de doce lugares valacos.

Y-hai ademais as lápidas, esas laxas ond' os pobos antigos fixaban as súas invocacións ós deuses, os nomes dos seus mortos y-os dos seus césares e maxistrados.

Nos emplacements de toda cidad romana ten qu'haber d'istas lápidas e pol-a sua natureza y-a sua abundancia pódese xuzgar da importancia da vila onde saíron.

Hai nos arredores da vella mansión de Aquis Querquernis indicacións d'esta clás? Téñense atopado n-iles moimentos da epigrafía latina? Si, y-en moor cantidade que n-outro calquer sitio da provincia d'Ourense.

Os dous lugares mais prósimos e que según veremos despois serviron d'asento á vila romana, son os de San Xoan dos Baños e Santa Comba de Bande, e n-un e n-outro téñense atopado as lápidas y-os vestixios que vamos a mencionar.

Nos Baños de Bande as seguintes lápidas:

Hübner 2530

NIMPHIS
BOELI
VS.RVF
VS.PRO
SALUTE
SUA.V.S

*Adicación de
Boelia az Niu-
fas.*

Hübner 2531

CAR..BE
FLACIS
SECVNDI
V.S.

*Adicación á
divindade coto
nome non pode
interpretarse.*

Hübner 2532

V.S.

*Resto de unha
inscripción votiva.*

ós que se pode axuntar a millaría de Maximino

o godo que dimos a coñecer no número 7 da nosa revista.

En Santa Comba apareceron:

Hübner 2518

MAXV
MVS.LOV
ESSI.F.LA
RIBVS.VI
ALIBVS
V.S.L.M

*Adicación de
Maximo fillo de
Luscio
os lares viales.*

Hübner 2529

ROSALUT
VLIAEAV
MATRI
ASIROP
IAC.DA
IDIVSM
RINVS
R ∞ DI
CAVIT

*Lida de novo co-
ta lápida por
D. Marcelo Ma-
cias, resulta
unha adicación
a Xulia Devana
feita por Lucio
Didio Marico
prefecto de una
cohort.*

Hübner 4851

....MP...
...SOD...C

Indecifrabile.



Capitel romano da irexa de Santa Comba

En total sete lápidas atopadas nun pequeno espazo de dous kilómetros e nas dúas aldeas mais vellas de todo o contorno, as dúas únicas seguramente qu'aproveitarían en tempos arredados os materiais da desfeita mansión romana, o que fai aparecer istos lugares com'os mais abundantes en epigrafía latina de toda a provincia.

Imos agora examinar os vestixios d'outra



Paramento exterior do muro pol-o nacente

clás qu'aparecen tamén nas dúas aldeas citadas. Sabido é qu'a irexa de Santa Comba, decrarada fai pouco, moimento nacional, é un dos raros exemplares que quedan na península do chamado estilo visigótico, e que por esta razón, téñense escrito sobre d'el moitos e moi eruditos traballos.

Pois ben, n-ista irexa existen servindo de soporte aparente, ó arco de ferradura que s'abre diante do altar colocado no fondo da nave que mira ó nacente, catro columnas cos seus capiteles feitos en mármore, e na nave do mediodía unha ara da mesma materia d'un metro vintecinco centímetros d'altura.

O Sr. Sales e Ferre, falando nun artigo

que publicou no *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, d'istes ouxetos decía o seguinte:

«Evidentemente los fustes de las columnas son romanos y dos de los capiteles también.»

E mais adiante:

«En el brazo del mediodía existe arrimada a la pared, una hermosa ara romana de mármol con la inscripción borrada.»

D'onde puderon ir á irexa visigótica istes restos romanos? Non é aventurado supor qu'estando separado o lugar de Santa Comba menos d'un kilómetro do asentado d'Aquis Querquernis, pertencerían a un tempo pagano ou algunha outra edificación d'esta vila, en cuyo caso teríamos que lle supor, desde logo, a riqueza y-a importancia que resultarían do uso de materiais de construción de tanto precio.

Cicais se nos poda ouxetar que todo elo pudo ser trasladado desde Guadix co corpo de San Torcuato, pero isto que podería ser comprensible respecto dos fustes e dos capiteles resulta pouco probable tratándose da ara, que nin com'adorno, nin coma ouxeto d'utilidade, podería compensar o traballo y-o gasto d'un tan longo traslado.

Nos Baños de Bande non tivemos a sorte de atopar as bases, columnas e capiteles que menciona Sanjurjo no seu estudo da vía núm. 18 do Itinerario. O único elemento arquitectónico que nos mostraron foi un fuste qu'apareceu atado ó pé d'unha casa e qu'o mesmo pode ser romano que d'outra época calquer.

Está, en troques, fora de dúbida a existencia no dito lugar, d'un vello establecemento termal situado no sitio qu'ocupa o qu'está agora en esprotación, e cuya coetanidá coa época da dominación latina na Galiza está ben demostrada por vestixios alcontrados no chamado baño dos cabalos e sobretudo pol-a inscrición Boelius Rufus da qu'antes fixemos mención e qu'é análoga as aparecidas en Molgas y-en Ourense tamen preto de fontes termas.

Foi atopada tamen en Baños de Bande unha figurilla de marfil, que representa a un lexionario romano e qu'está depositada no noso Museo Arqueolóxico.

A cidade

Compreto xa o examen de todo o qu'os autores clásicos y-os modernos eruditos dixeran dos Querquernis e da mansión establecida no seu territorio, y-estudiados os restos romanos atopados nos arredores do seu empraçamento, imos agora a determinar iste d'unha maneira precisa e clara, facendo mención dos vestixios

alcontrados nas dúas escavacións por nós emprendidas.

No número 5 d'ista revista dimos conta da primeira das ditas escavacións nas líneas seguintes:

«O día 5 de San Xoán, fíxose unha esportación preliminar nos vestixios d'unha antiga vila romana, no lugar dito *a cidade*, á veira do río Lámia en Porto Quintela perto dos Baños de Bande, pol-os nósos compañeiros Ramón Otero Pedrayo, Florentino L. Cuevillas e Vicente Risco, acompañados do culto abogado de Bande D. Farruco Pena.

D'istes vestixios fala xa Cean Bermúdez, y-o lugar é ben coñecido dos veciños dos arredores, que das antigas construcións sacan pedra pr'as paredes das súas leiras, e teñen atopado elí tamén moedas e potes de barro negro, dos que non se conserva ningún. Pol-o mal tempo que faguía non se pudo faguer mais que poñer en descuberto seis metros de muro dereito, feito de cachotería ben asentada, d'un groso de cincuenta centímetros. Os cachos de tella romana atópanse a frol de terra, e na escavación que se fixo non s'atoparon mais que dous cravos de ferro e restos de barro negro e marelo, antr' eles un roxo vidrado moi polido e brillante. Os traballos dos veciños que deixaron ó alre os cimentos das casas, dan a ver qu'estas eran de planta cadrada ou reutangular, e cobrían unha extensión considerabel do tarreo, n-un aluvián do Lámia, seguindo tamén pol-a veira esquerda do río.»

O día 9 do pasado Outubro y-acompañados ista vez do noso entrañable amigo o cultísimo catedrático de Literatura do Instituto d'Ourense, Xaime P. Colmán, voltamos a Baños de Bande pra recomenzar as nosas esportacións arqueolóxicas.

Comenzámolas abrindo unha zanja separada sete metros do lugar onde alcotraramos o muro de que mais arriba se fai mención, y-os poucos centímetros de fondura tivemos a sorte de tropezar c'unha nova parede que se estendía en dirección Norte Sur e que presentaba caracteres de sólida e coitada construción. Procuramos en primeiro lugar determinar as dúas caras verticais da mesma o que conseguimos despois d'algún tempo pois a súa anchura era moito mor do que nos figuramos nos primeiros momentos. Atopadas xa as dúas caras buscadas, continuose cavando rente d'elas conseguindo por ó descuberto un murallón de vinteseis metros de longo por tres de ancho, feito de cachote e recuberto nos dous lados exteriores por sendos paramentos formados de pedras rectangulares de trinta centímetros de longo e vinte de ancho,

moi ben conservados na parte inferior pero que faltan casi por complot na superior. En todo o longo dos vinteseis metros non pudemos ouservar sinal ningunha de porta nin d'outra perforación do muro. Somentes no extremo Sur alcotramos dous ensanchamentos un de cada lado que eicais poideran ser o principio d'un ditel, cousa que non pudemos averiguar, pois a finca onde realizabamos os traballos, gracias a xentileza y-amabilidade do seu propietario don Xaime Pérez tiña alí o seu linde, y-o dono do novo predio non sentindo o mais pequeno intrés pol-a ciencia arqueolóxica negouse redondamente a consentir na súa leira a continuación das nosas esportacións.

A que clás d'edificio podería pertencer o muro descuberto? Co que d'il vimos non é fácil emitir un xuício esauto, pero tendo en conta o seu grosor, tres metros, y-a súa lonxitude vinteseis, sin sinal de vano algún, pódese supor con



Paramento exterior do muro pol-o poñente

certas reservas, si formaría parte d'unha obra defensiva, lenzo de muralla ou parede de torre. De total-as maneiras a existencia d'unha edificación da manitude qu'indica a obra descu-

berta, atopada a mais no medio de restos que alcanzan asegrun a xente do pais seiscentos metros de longo, ó largo da marxen esquerda da carretera d'Ourense a Portugal, por oitocentos d'anchura desd'a linde da dita carretera ó Limia e que siguen n-outra veira do río, mostran craramente qu'Aquis Querquernis non foi unha sinpre mansión, senón que constituía unha vila ben poboadá según o proba a súa extensión, e bastante importante dende o momento que tiña edificios tan considerables como aquil de que formaba parte a parede posta ó aire por nós.

Nas zanzas abertas nada s'atopou d'intrín. Nas capas mais superficiais da terra apareceron varias tellas romanas rotas, y-a un metro de profundidá unha asa d'un xerro de barro marelo e un testo d'un vaso d'arcilla roxa esmaltado é adornado con catro liñas apareladas postas en sentido horizontal e us pequenos círculos, todo elo en relieve. Atóparonse tamén varios trozos d'unha especie de ganga metálica misturada con terra e cuarzo, que nos fixo lembrar das vitrificaciós de que fala Dechelete, pero sobre cuio orixen no nos atrevemos á aventurar ningunha opinión.

Resume

En vista do espoto pódense formular con toda seguridade as conxerusiós seguintes:

1.^a Qu'entre Baños de Bande e Santa Comba fronte ó pobo de Porto Quintela, exista na veira dreita do río Limia vestixios abundantísimos d'unha cibdade romana ou celto-romana, cuia manitude non podemos determinar con esatidade pero qu'a xuzgar pol-os ditos da xente do pais e pol a gran extensión en que s'alcon-

traran restos de muros, tellas e anacos de cerámica, ten que ser considerable.

2.^a Qu'a dita cibdade deben ser importante por reunir en sí as circunstancias de ter un establecemento termal coñecido na época romana é por ser lugar d'empalme de dúas vías que travesaban países ricos e moi poboados.

3.^a Que coma sinais vivas da súa importancia quedan as lápidas, mais numerosas ali qu'en ningún outro lado da provincia, a ara y-as columnas de Santa Comba que deberon pertencerlle, y-a muralla por nós descuberta que tivo necesariamente que formar parte d'un edificio grande e de coidada arquitectura, e

4.^a C'as ruínas en cuestión son as da cibdade d'Aquis Querquernis situada no pais dos Querquernos y-onde os romanos estableceron a 4.^a mansión da vía n.º 18 do Itinerario de Antonino.

Final

Temos pol-o tanto conseguido o propósito qu'anunciábase ó principiar este artigo. Señalar d'unha maneira certa o lugar d'un yacimiento histórico.

Alá quedan veira do vello Lethes, e baixo os carballos das touzas, y-as carpazas do monte, as venerables pedras d'antiga vila romana. Nós apartámonos d'ilas con deer e sintindo non ter as artes máxicas de Merlín o feitiiceiro celta pra facer surxir da terra a cibdade morta y-atuada e obrígala a vivir un instante diante dos nosos ollos, coa maxestade dos seus tempos y-a forza das súas murallas, baixo iste sol dourado d'outono que tanto sabe de cousas velhas qu'il alumecou e que cicais ri dos esforzos dos homes sempre afaenados en construír e desfacer.

FLORENTINO L. CUEVILLAS

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

A VOLTA DO CASTELAO

Xa volvemos ter na casa ó Castelao. Castelao, a quen o boletín NOS debe astr'o nome que leva, é tan noso, qu'estamos dispensados de toda loubanza.

Castelao estivo en París, percorreu os Países Baixos y-a Alemaña. Non se senteu inferior a nada; todo o viu e deprendeuno todo. A súa potente orixinalidade ergueuse xurdía ó s'enfrentar cos homes e coas obras da grand'Europa. Ollou a vida de nazós cultas, que non por seren pequenas s'aveñen a renunciar a sí mesmas; entón, as súas arelas de reconstrución da Nazonalidade galega atoparon sólido basamento confortadore, n-unha ansia universal qu'onde queira

s'apalpaba. Castelao falou cos bávaros e mais cos flamengos, e se galego foi, voltou mais galego.

Castelao enrequeceu con novos recursos a súa mestranza técnica, e concibeu proieitos novos d'outas realizacións artísticas, d'un estrevelamento xenial. Pensando de cote na nosa terra, e no moito que n-ela compre faguer, Castelao estudou noite e día y-estudou ben. Trai o tempo aproveitado: todo pra nosa Galiza...

Namentras estivo fóra, prohibímonos terminantemente que nin tan xiquera falásemos d'él. As súas cartas cheas d'intrín polas súas fondas observaciós y-os seus xuízos orixinais asombrosamente atinados, víñan dende xá condenadas a seren silenciadas. Agora, xa é outro cantar.

Agora, NOS principará a recoller canto il escriba en col das cousas vistas, sentidas y-estudadas, no seu froitoso viaxe, outo enséñas pras novas xeneracións galegas, encargadas, pola vontade de Deus, de seren as forxadoras da futura Galiza ceibe e criadora, enxebre y-europea; a Galiza incorporada, sen intermediarios importantes e custosos á comunidade da cultura das nazós do Norte d' Europa, á que pertenceu nos tempos gloriosos da civilización enxebre qu' ergueu os grandiosos moimentos dos Canzoñeiros e do Portico da Groria.

O HOMAXE A LEIRAS PULPEIRO EN MONDOÑEDO

Aquela veneranda figura, tolstoiana ou druídeca, de longas barbas apostólicas de prata, de xeito nobre e bó de Don Manoel Leiras Pulpeiro, ten un relevo moi particular nas nosas letras. E teno moi especialmente, ademais, pola época na qu' está situada: a época estéril dos quince primeiros anos do noso século, cando, seguindo o eixemplo do Valle-Inclán, os escritores galegos deixaron pra un lado a nosa lingoa pra se dedicaren a enrequecer a lingoa de Castela con verbos, xiros e frases roubados á galega. Pódese dicir, pois, que Leiras Pulpeiro é caxeque áncico n-aquella época.

Naceu Don Manoel Leiras Pulpeiro en Mondoñedo, en 1854, y-era fillo d'un médico. Nos anos 1867 e 1868, estudou latín no Seminario d' aquela vila, y-en 1877 recibíuse en Madrid de licenciado en Medicina, exercendo logo a profesión no seu pobo, con sabencia e conciencia. Foi o amigo garimoso dos probes e dos humildes, ós que ofrendou a súa cencia e mais a súa inesgotabel caridade. Home d'esprito libre e democrático, figurou sempre no partido republicano-federal, e mais se cadra por independencia de carante ou por relación natural contra d'un médico timorato d'abondo e de pensar estreito, que por outra causa ningunha, foi tamen libre pensador e laicista.

Galego enxebre e coscente, d'esprito erguelto e xúrdio, amou á súa Terra y-á lingoa dos seus páis. Escribiu en galego versos cheios d' encanto e de recendo popular. Amante do pobo traballador e dos seus costumes sinxelos e patriarcales, d'iles e da beleza do meigo chau mindoniense e da mariña de Lugo, sacou a súa inspiración sinxela e sen artificio... Leiras Pulpeiro foi tamen dos nosos; foi dos qu' agardaron arelantes a redención da nosa Terra, dos que soñaron n-unha Galiza forte e ceibe, dos que viviron soñando:

Co-a alborada do gran día
Da groria, que, hai moito espera
Pra se ver outra Galiza...

(*Posadouro - A Mariña, 1903.*)

Don Manoel Leiras Pulpeiro pasa por un dos que mellor escribiron a nosa lingoa, e dos que mellor a coñeceron. A súa contribución á obra do dicionario galego-castelán da Academia galega, foi de moita consideración, aínda qu' endexamais quixo formar parte da corporación aquela. As súas poesías son un tesouro pro estudo da lingoa galega, pol-a súa gran riqueza de formas e de léxico.

Colaborou no *Tio Marcos da Portela*, de Lamas

Carvaxal, y-en outras publicacións galegas y-americanas. En 1911 publicou *Cantares gallegos*, mais o mais importante cecais da súa obra áchase aínda inédito. Son moitas cousas en prosa y-en verso, sen contalas qu' il inutilizou pouco antes de morrer por consideralas indinas da literatura galega.

Leiras Pulpeiro morreu no ano 1912 e foi enterrado no Cemiteiro civil de Mondoñedo. Os mindonienses residentes na República Argentina, pola iniciativa do noso amigo e irmán señor Lorenzo Rico, cónsul da Argentina n-Ourense, fixeron unha suscripción pra erguer riba da súa cova un sinxelo e severo mausoleo que foi inaugurado o día 30 do mes de Natal c'un sinxelo auto ó que asistiron representacións de todos os elementos mindonienses, co Concello á cabeza, Irmandades da Fala e Mocidades Galeguistas, Academia Galega, Asociación da Imprensa da Cruña y-outas entidades d' aquela vila, boletín NOS e *A Nosa Terra*, e caxeque todas as asociacións galegas d'América. O pobo inteiro de Mondoñedo acudiu a render homenaxe ó ilustre morto, e o Sr. Lorenzo Rico en nome dos mindonienses da Argentina, o brillante escritor Ramón Fernández Mato en nome do pobo de Mondoñedo e o noso director Vicente Risco e nome dos nazionalistas, faláron brevemente en loubanza do poeta amado dos humildes, rematando o auto co hino galego.

Pol-a noite houbo unha velada de fondo enxebriño no Teatro do Casino, onde faláron os señores Lorenzo Rico, Villar Ponte, Carré Aldao Rodríguez González, Risco, Peña Novo e Fernández Mato, principiando coa Alborada do ilustre mindoniense mestre Veiga, tocada pol-os notables gaiteiros *Os Veigas*, rematando co hino galego pol-a masa coral, chamada tamen *Os Veigas*.

O moimento é unha sinxela lápida de mármore con sentida inscrición en galego, dominada por unha columna rota de pedra de grá que leva unha placa de bronce coa imaxe do poeta.

PRECE A ESPANHA,

por JOSÉ RAÚL DA CRUZ CERQUEIRA.

Co gallo do Congreso de Ciencias do Porto, o Sr. Cruz Cerqueira, redactor do *Primeiro de Xaneiro*, escribiu iste opúsculo, que non sei que moito l' agradezan os hespañois de conciencia moderna. En verdade, a Pátreas dos Cides e dos Pelayos, vai servida coesta prece que lle fai un romántico, namorado das corridas de touros e dos ollos pretos das *manacas*... Coma por noso ben, Galiza fica fora d'unha Hespaña d'ise xeito, o trabucamento do Sr. Cruz Cerqueira ó nos mandar o seu foletto, non tivo secuencia maior, qu' o noso gusto de faguermos coñecencia co distinto literato portugués. Da *Prece*, conosco non vai nada, en boa hora vaia dito.

BASES DE GOBIERNO DE ARAGÓN

La personalidad de Aragón

1.ª La personalidad de Aragón queda definida por el hecho histórico y la actualidad de querer ser.

2.ª Como consecuencia de la anterior afirma-

ción, proclamamos la libertad absoluta de la nacionalidad aragonesa para el pleno desarrollo de su vida pública sin intervenciones extrañas, y afirmamos nuestra más consciente orientación de convivencia ibérica.

Del territorio

El territorio de Aragón lo constituyen las actuales regiones de Zaragoza, Huesca y Teruel. Las posibles agregaciones de territorios limítrofes podrán realizarse, conforme la razón natural, por afinidad de intereses.

Las riquezas del suelo y del subsuelo, y las fuerzas naturales forman el patrimonio de Aragón.

El ciudadano aragonés

El ciudadano aragonés lo es por el solo hecho de sujetarse a las leyes de Aragón y estar bajo su jurisdicción directa.

Todo ciudadano desde los veinte años puede ser elector y elegido en los cargos públicos y magistraturas.

Las Cortes

a) Las Cortes aragonesas, esencialmente democráticas, se constituirán por sufragio directo y secreto del ciudadano aragonés.

b) El poder legislativo reside en las Cortes y el ejecutivo en el Consejo elegido en el seno de la misma.

c) Este Consejo de Cortes tendrá un Presidente elegido por sufragio directo.

Los Municipios

Los Municipios aragoneses, alma y cana de nuestro pueblo, serán libres para hacer y deshacer, y poseerán la estructura de una autonomía plena, sin más limitaciones que la Ley orgánica dimanada de las Cortes aragonesas.

Del Poder judicial

Residirá un Tribunal Supremo de Justicia, cuyo Presidente ostentará el título de Justicia Mayor de Aragón. Este tribunal entenderá en última instancia en todos los asuntos judiciales, tanto civiles como criminales. Regirá en Aragón el Derecho Civil Aragonés, y en lo criminal el Código común del Estado. Los Magistrados y Jueces del territorio aragonés habrán de ser ciudadanos aragoneses.

Delegaciones

Aragón delegará en el poder central todas aquellas funciones de carácter militar, diplomático y relaciones internacionales. Contribuirá a los gastos del Estado proporcionalmente a su riqueza y su población.

La Universidad

Será obligatoria la enseñanza y gratuita en toda su extensión.

La Universidad de Aragón debe ser el ele-

mento director de la cultura aragonesa. Asumirá funciones de extensión universitaria, según el formato de última modernidad, con carácter de máxima autonomía económica e intelectual.

Economía

Afirmación del libre cambio como pensamiento económico aragonés, así como la necesidad de abordar el problema de la tierra, el establecimiento del impuesto único sobre el suelo, la canalización del Ebro y la necesaria salida al mar.

P' RAS MOÇAS

DA MINHA TERRA,

por A. PEREIRA CARDOSO

O poeta de *Alma*, de quen xa nos temos ocupado nas páxinas de NOS, oférecenos agora un lindo librillo de cántigas d'unha encantadora sinxeleza popular, nas que quixo conservar o recendo campesino da terra miñota, sen adubalas coas falsas meiguices da vida. Son ben cántigas do noso Miño, iguais ás que improvisan os mozos galegos nos fiadeiros e nas ruadas... «O Minho é bom, por que sabe cantar», di o autor, lembrando aquela frase que glosou Nietzsche: «Os homes malos non teñen cantos».

Como de cote nos portugueses—«Oh, Portugal trovador!—Oh Portugal das cantigas!»—os mais distes cantos de Pereira Cardoso, son cantos d'amor, tantas veces pai da Saudade:

São duas gotas de tinta
Os teus olhos, meu amor;
São eles que põem de luto,
Meus versos de trovador.»

Amorosamente, Pereira Cardoso envolveu estes versinhos sinxeiros n'unha edición preciosa e coidada, un librillo pequenino, de gusto tamén moi popular e miñoto na presentación.

XENTE DA ALDEA,

por ALFREDO PEDRO GUISADO.

E iste un libro galego que nos ven de Portugal, aló editado na nosa fala, un libro feito de lembranzas e saudades. Alfredo Pedro Guisado fai figura no movemento moderno da literatura portuguesa, na que, oito volumes publicados fan sonique á súa sona. Está metido no fado d'escriitores que se chama *Seava Nova*, pioneiros das novas ideas, xente da vangarda politeca.

Alfredo Pedro Guisado dedica iste libro ó noso gran Castelao—que lle puxo ó libro unha portada das suas—, e nos seus versos, cheos de fondo sentimento galego no seu xeito mais esquisito, que é o amor ó chau e á aldea, está pol-o menos en adeviñanza, non sei se con intención ou sin ela, toda a arte moderna, a creación e a simultaneidade das imaxes, mais en creación espontánea e no xeito de vaguedade idealista e musical da nosa Raza. Vexanse as *Estolladas* por eixemplo.

Féiteceiras e saudosas evocacións da aldea, pr'a que o mundo moderno ten que voltar os ollos se se quer salvar, tristuras da Raza e mistéreos da noite, hai n'iste libro, sentidas en lirismo sinxe-

lo, e tamén esa ansia de reintegración qu'alo en Portugal igoal qu'eiquí se sente, e que s'espresa nos poemas *A Voz de Galicia* e mais *El y-Ela*.

«O río Miño é un cura
 Sin igrexa e sin misal,
 Casar Galicia procura
 con un nóvio: —Portugal.»

Alfredo Pedro Guisado, pol-a súa vida e obra, é particularmente doado pra espresar no seu verbe isa arela da restauración da cultura galaico-portuguesa dos Canzoneiros e dos libros de Cabaleirías.

HORAS DE DEUS,

por MARÍA DA GLORIA

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

Iste libro d'emoção sinxela, no que a y-alma mística de Portugal torna a ser piadosa e cristiá coma no tempo antigo, foi pra nós unha leda revelación. María da Gloria Teixeira de Vasconcellos é irmá do noso admirado Teixeira de Pascoas. E a ela a quen o mestre dedicou.

E ela tamén escribe cousas que nos fan lembrar da nosa Rosalía, na santidad d'alma e gracia delicada. E mesmo consola, a volta de tanta impiedade, e de tanta dúbida tormentosa e adoeceida, ollar unha y-alma de poeta que aínda sabe cair de xellos ós pés de Deus e da Nosa Señora. E mais en Portugal... E coma si un atopara, á veira do camiño fatigoso, un poyal onde pousar ollando na campia a paz serea d'un serán dourado... Que poucos saben vel-o grande da homildeza, senti-la oración da *Pobresinha* «que pede para rezar! E mais Alguén nos mandou que fosemos así...

María da Gloria Teixeira de Vasconcellos é poeta e nai, as dúas cousas con total-as tenuras, con total-as bágoas, con total-as saudades... Coma non iba saber rezar? E non esquece a aldeia, non esquece a lareira ond'o Pasado vive en evocación; nona esquece nin nos montes da Suíza; coma Rosalía, ela adora a súa terra, o seu corrunchito, marca de distinción dos espritos fidalgos, qu'aínda os hai... Por moi degradada que s'atope a especie, aínda non é todo no mundo plebeyismo ensoberbiado y-epilepsia adoeceida.

A lírica de María da Gloria Teixeira, no deixa de ser imitante á do seu irmán. Non é n-ela tan prenunciada a vaguedade, porque, en troques do alcance filosófico, moitas veces profético do mestre, leva unha certidume que o simples idealismo non dá. Mais o sentir, aínda qu'eiquí se non faga doutrina, e ben o mesmo que no supremo poeta da Saudade.

BOLETÍN DE LA

REAL ACADEMIA GALLEGA,

Año XVI, número 141.

Coruña, 1.º Noviembre 1921.

O Dr. J. J. Nunes fai un estudo en col de *Coruña: Sua procedencia e etimología*, do que a síntese é: O nome antigo da Cruña foi *Brigan-*

tium, céltigo. Destruída polos árabes e repoboa da dende Alfonso I, os seus novos moradores déronlle polos séculos IX ou X o de *Clunia* que se transformou en *Cruña*, nome qu'aparece por primeira vez no *Faro dos cegos*, do que pasou a *Cruña*, que na forma latinizada *Clunia* está nun diploma de Alfonso IX. Os novos povoadores procedían pois da antiga *Clunia* (*Coruña del Conde* que s'eschribía *Cruña* no século XVI). O nome *Clunia* veu da latina *Colonia*. Froisart chama á Cruña *Cologne-sur-mer*... Todo isto non está mal armado, mais, aixíña o autor di: «Mesmo a palabra *colonia* só por sí, abstraíndo da forma transmitida, dava *Cruña*, pela redución de *colo* a *clo*, motivada pela formación do grupo consonántico e passagem de *o* a *u* pelo contacto con a palatal *nh*...» Logo, que precisión hai de faguer vir ós novos moradores da nosa Cruña de Coruña del Conde? — *Periódicos Compostelanos*, por D. Armando Cotarelo Valledor, faguen estória d'algúñas vellas publicacións, das que non deixaría de cumprir un estudo fondo pra estória do movemento das ideais en Galiza. — *Los Canónigos de Santiago*, por Pablo Pérez Constanti. — *Un notable escudo de la Coruña*, por César Vaamonde Lores. — *Bibliografía sobre libros galegos*, d' Euxenio Carré Aldao. — Seición oficial.

SEARA NOVA,

revista quincenal de doutrina

e crítica, n.º 1. Lisboa, 15

de Outubro de 1921.

Princípiou a se publicar en Lisboa esta revista social-demócrata, d'educación popular e de combate, órgao d'un fado d'escretores que se non propoñen propiamente unha campaña política, mais seguramentes un fondo labor político. Forman o corpo directivo: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco Antonio Correia, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Câmara Reis, Raul Brandão, Raul Proença. Os fins que se propon están decrarados: «Renovar a mentalidade da élite portuguesa, tornando a capaz dum verdadeiro movimento de salvação. — Criar uma opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias. — Defender os interesses supremos da nação, opondo-se ao espírito de rapina das oligarquias dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos. — Protestar contra todos os movimentos revolucionarios, e todavia defender e definir a grande causa da verdadeira Revolução. — Contribuir para formar acima das Patrias, a união de todas as Patrias. — Una consciencia internacional bastante forte para não permitir novas lutas fratricidas.»

Seara Nova arremete fortemente contra dos integralistas e mais contra da *Cruzada Nra' Alvaros Pereira*, e trai intresantes traballos, ant'elles un do ilustre economista portugués Ezequiel de Campos, e anuncia unha seición de gran utilidade informativa en col do movemento científico, filosófico, ético, artístico e social, a cárrgo do Sr. Faria de Vasconcelos. Alfredo Pedro Guisado é tamén dos colaboradores de *Seara Nova*.

VIDA ARAGONESA,
revista de Arte, Zaragoza,
año I, núm. 2, 29 Octubre 1921.

N-outra parte falamos do movemento nazonalista en Aragón. Antr' as suas manifestacións podemos contar esta revista, que si non ten a consistencia doutrinaal y-a firme vontade que ten *El Ebro*, é unha boa mostra d'intención cultural aragonesa. Sumario d'iste número: *Los Pescadores*, estudio de F. Coyne (grabado).—*Nuestro camino*.—*Jaca histórica*, por Almogavar.—*El resurgimiento de Aragón*, por José María España.—*La masa coral*.—*Presunción infundada*, por Luis Martínez Gracia.—*Belver del confin*, por Felipe Alaiz.—*Dos exposiciones de pintura*.—*Confraternidad de artistas*, por Luis Torres.—*Mariano de Cavia*.—*Domingo provinciano* (poema), por A. Soto.—Fotografías de actualidad.—*La ciudad desde las alturas*.—*El problema de la Hacienda*, por Luis del Valle.—Bibliografía y noticias.—*Princesa de ensueño*, por Pablo Parellada.—*La satisfacción*, por Bonifacio García de Menéndez.

LA DOUCE FRANCE,
4^e année, N.º 35, Octubre 1921.

D'iste número é moi intresante o estudo de François Bidet en col da *Estética de Peladan*. Iste persoaxe, un provenzal que primeiro figurou, coma Mallarmé no movemento *félibre*, a carón do gran Mistral, a quen sempre tivo lei, e logo foi gran polemista ruskiniano, católico e teósofo—unque coma ocultista non mereza moito creto—ten sen dúbida un gran intrín. A Condesa de Pardo Bazán leeuo moito e tiñao en fonda estimanza. Il fundou a Orde da Rosa Cruz, na que se meteron moitos escritores, pintores e músicos, antr' eles o famoso Erik Satie, que fixeron gran campaña artística. Pubricou as catorce novelas da *Decadencia latina*. Estudou os vellos mestres da pintura. Divulgou a filosofía de Leonardo de Vinci. Mr. François Bidet fai nótala limitación de criterio artístico do Sar Peladan, home que endexamáis soupo sintil-a natureza, e pono en comparanza con Taine, a quen o Sar quixo refutar na sua obra *L'Art idéaliste et mystique*, que contiña a doutrina da Rosa Cruz. Peladan era un ruskiniano incompreto, pois Ruskin comprendeu y-amou a natureza; Peladan era clasicista; Ruskin era

prerrafaelita. O Mestre morreu deixando moito rastro atrás de si; o discípulo vive aínda, mais esquecido de todo. Mais aínda ten Peladan outro aspecto mais digno de nota: Peladan é wagneriano. Hastra certo punto, decatouse da importancia que o wagnerismo leva dentro de si, aínda que agora non todos lla queiran recoñecer... Aínda hai moito nos libros de Peladan, pra que, os que os lean con cachaza poidan aproveitálo tempo.

O MOVIMENTO NAZONALISTA EN ARAGON.

Cando menos se pensaba, do vello Aragón que somellaba tan esquecido da sua gloriosa tradición d' independencia política, da patria do recalcitrante Cavia, cheggounos a nova d' un rexurdimento xurdio merecente da meirande loubanza e simpatía. Xulio Calvo Alfaro, dende Barcelona, foi quen nos noticiou de qu' Aragón tamén espertaba, y-espertaba xurdiamente. *El Ebro*, un boletín cheo de densidade ideolóxica e de sabencia política chegou a nós, y-encheunos de ledicia, ó nos sinalal-o abrente d' unha nova vida aragonesa. Outras novas aínda nos fixeron saber d' unha élite integrada por homes coma Xulio Calvo Alfaro, Mir, Gregorio Rocasolano, Andrés Jiménez Soler, Francisco Bastos, Juan Moneva Puyol, Manuel Marraco, Domingo Miral, José María España, Juan Pío Membrado, José María Sánchez Ventura, Salvador Mingujón, José Mur Ainsa, Angel Samblancat, Felipe Alaiz, Sancho Izquierdo, etc., decidírase ó cabo a restituir a Aragón na sua personalidade e nos seus dereitos, e de qu' isa élite non estaba isolada da opinión aragonesa.

Os aragoneses lévannos ventaxa no istinto político, na preparación histórica, na firme vontade orientada. Teñen o que non temos nós: unha Universidade súa, inteiramentes súa. Nós estamos millor qu' a íles na creación artística e literaria e levamoslles a ventaxa de termos unha lingua propia. Con todo, o Aragonésismo xa foi mais adiante do que fomos nós no Programa de Lugo.

Recibímol-a invitación pro III Congreso de Xuventudes Aragonesistas, que viña en compañía do xurdio programa, que reproducimos, tanto en xusto homenaxe ós defensores da Nazonalidade aragonesa, coma pola eixempraridade que podía ter prá nosa asoballada e dormifea Galiza.

MANUEL SEOANE

AXENCIA DE FERROCARRILES

Madeiras labradas de todas clases

:- :-

Mécanse APEAS pra minas

Ponte Mayor - OURENSE

SAMANIEGO ♦ FOTÓGRAFO DE MODA

Luis Espada, núm. 13 - OURENSE

SERANTES E COMPAÑÍA

FARIÑAS E COLONIAS

Ponte Mayor y - Ourense

Gran Café "ROYALTY," ♦ BÓ SERVIZO :- CAFÉ E LICO-

RES DAS MILLORES CLASES

Depósito da excelente Sidra "REINA DE ASTURIAS,"

PRECIOS BAIXOS POR PARTIDAS DENDE CINCO CAIXAS ADIANTE

"Teoría d'o Nacionalismo Galego,"

POR VICENTE RISCO

Léaa que lle dará luces pr' enxergal-os problemas da nosa Terra

PRECIO: CINCO REAS

LUIS GALLEGU-Procador

DASE PRESA NO DESPACHO DE TODA CRAS D'ASUNTOS

LUIS ESPADA, NÚMERO 9.-OURENSE

NOS

GRAN "HOTEL MIÑO," OURENSE

O ÚNECO DA CAPITAL CON CALEFAUCIÓN CENTRAL
AMPLIAS HABITACIÓNS :: COARTOS DE BAÑO
PENSIÓN COMPRETA DENDE 12 A 60 PESETAS

Propietario: ANDRÉS PERILLE :: Teléfono 21

Merquen: PLUMEIROS DE RAFIA "PERILLE,"

OS DE MAIS DURA, OS QUE MILLOR LIMPAM, OS MAIS ECONÓMICOS

BOAS UTILIDÁS OS REVENDEDORES

FABRICANTE

ANDRÉS PERILLE

OURENSE (España)

Clave A. B. C., 5ª edición

REPRESENTANTE N.º A ARGENTINA

JOSÉ MARTÍN

Calle Venezuela, 936

BUENOS AIRES

Casa "PERILLE,"

FERRETERIA :: LOUZA :: CRISTAL

MOEBLES ECONOMEÇOS E DE LUXO

FRABICACION DE COLCHÓS PATENTADOS

Vostede pode montar a sua casa con solo visitar iste establecimiento, obtendo o maximum d' economía.

Paz Nóvoa, 9 - OURENSE

AGUAS MINERO-MEDICINALES
BICARBONATADO-SÓDICAS
MONDARIZ



CASAS

NÓS

FRÁBICA MECÁNICA DE CALZADO
DE

ANXEL SENRA

RÚA XUAN FLÓREZ

Depósito: Cantón Grande, 15 - A CRUNA

GRAN CAFÉ "LA UNION,"

O MILLOR SITUADO E DE MAIS CONFORT

BILLARES - VARIETÉS - SEXTETO

Nóvos propietarios: MANUEL VAZQUEZ :-: EULOGIO ALBERTE

PEREIRA, 13

TELÉFONO NÚM. 61

LEA VOSTEDE:

VENTO MAREIRO POR RAMON CABANILLAS

ABRENTE POR VICTORIANO TAIBO

DOUTRINA NAZONALISTA POR RAMON VILAR PONTE

SANATORIO QUIRURXICO D' OURENSE

DIRIXIDO POR

D. Manuel Pol Piñeiro

Cirúxía xeral y-especialidás

D. Manuel Peña Rey

Xinecoloxía e partos

Instalado en sitio sano e pintoresco (carretera da Loña).

Conta con elementos precisos pr' a boa asistencia dos operados.

Moi logo instalará RAYOS X.

PRA DETALLES DIRIXIRSE A UN DOS DIREITORES

QUEREDES VESTIR BARATO E CON ELEGANCIA?
 Pois, encargade a feitura
 dos traxes na xastreria de **José María Rodríguez**
Pereira, 2 - OURENSE

Manuel L. Enriquez Médico-Oculista
 asisteu, pago polo Goberno español,
 ás clínicas das Universidades de Zurich
 (Suíza) e Würzburg (Alemaña)
Consulta diaria no Hotel Miño :- Ourense

MERQUE VOSTEDE:

ADORAÇÃO

POR LEONARDO COIMBRA

LIBROS DE TEIXEIRA DE PASCOAES
 Terra Prohibida + Arte de ser Portuguez + Sempre + As Sombras
 Marános + Cantos indecisos

"A NOSA TERRA," BOLETIN DECENAL

Idearium das IRMANDADES DA FALA en Galicia e nas colonias galegas d' América e Portugal

PRECIOS DE SUSCRICIÓN . . .	Na Cruña ó mes.	40 céntimos
	Coste d' un número	15 "
	Fora, trimestre.	1'50 pesetas
	América, id.	2'00 "

REDAUCIÓN [Y-ADMINISTRACIÓN: PLAZA DE MARÍA PITA, 17, BAIXO. - A CRUÑA

MERQUE VOSTEDE "NEVEDA,"
 NOVELA GALLEGA POR
 FRANCISCA HERRERA E GARRIDO
Coste, DAZASEIS REÁS

F. Román e Saco

DROGUERÍA

E FARMACIA

Pereira, 19

Teléfono, 28

OURENSE

GALIZA PRECISA A SUA AXUDA

Fágase pois socio da Sociedade

“ N Ò S ,”

Socio de número, cuota mínima, 100 pesetas.

Socio cooperador de capital, aportación mínima, 25 pesetas.

Os VINOS do Ribeiro

ARNOYA FINO

Siñifican o máisimun da “delicadeza,”

BODEGAS da Viuda e Fillos de Xoán Fuentes.-OURENSE